ISSN: 2358-8829

LITERATURA INDÍGENA: MEDIAÇÃO DE LEITURA DO LIVRO ESTAÇÕES, DE DANIEL MUNDURUKU PARA CRIANÇAS DO 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Beatriz Pompeu Chaves Lima [1]
Lorena Bischoff Trescastro [2]

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo investigar a experiência de mediação de leitura do livro "Estações", de Daniel Munduruku, realizada com crianças do 5º ano do ensino fundamental em uma escola pública de Belém-PA. A pesquisa parte da compreensão de que a mediação de leitura literária é uma prática fundamental na formação de crianças leitoras, pois vai além do ensino da decodificação, promovendo o encontro subjetivo e crítico com o texto (Soares, 2023). Nesse processo, o professor atua como um articulador que amplia repertórios, estimula a reflexão e favorece a construção de sentidos.

A relevância deste trabalho se ancora na legislação educacional brasileira, em especial na Lei nº 11.645/2008 (Brasil, 2008), que torna obrigatório o ensino das histórias e culturas indígena e afro-brasileira nos currículos da Educação Básica. Nesse contexto, a literatura indígena atua como um instrumento para desconstruir estereótipos, valorizar a cosmovisão dos povos originários e promover uma educação antirracista e intercultural.

A escolha do livro "Estações", de Daniel Munduruku, se deu porque traz uma linguagem ilustrada e adequada para a mediação de leitura com crianças do ensino fundamental. A literatura indígena, nesse sentido, oferece uma oportunidade de ampliar o repertório cultural das crianças e de promover o respeito à alteridade.

A pesquisa partiu da questão: como a literatura indígena pode apresentar às crianças outras formas de compreender o tempo? Objetivou-se explorar a noção de tempo

[1]Graduanda do Curso de Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal de Pará, Belém – PA, beatriz.lima@iemci.ufpa.br;
[2] Doutora em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professora na Licenciatura Integrada em Ciências, Matemática e Linguagens da Universidade Federal do Pará - PA, lbtrescastro@ufpa.br.

presente na obra, marcada pela ciclicidade e pela relação com a natureza, em contraste com a linearidade do calendário ocidental. A metodologia qualitativa, inspirada na pesquisa-ação, estruturou-se em pré-leitura, mediante conversas sobre culturas indígenas e estações do ano, leitura mediada para a imersão na narrativa com pausas para diálogo e pós-leitura com a criação de calendários inspirados em saberes indígenas.

Os resultados indicaram que as crianças ampliaram seus repertórios sobre os modos de vida indígenas e passaram a perceber o tempo como algo que se repete e se renova na natureza, e não apenas como medida cronológica. A experiência também favoreceu a desconstrução de visões estereotipadas sobre os povos originários.

Este trabalho está estruturado da seguinte forma: após esta introdução, apresenta-se a metodologia utilizada, incluindo o perfil da escola e da turma. Em seguida, descreve-se fundamentação teórica, que discute a mediação de leitura, a educação antirracista e a literatura indígena. Na sequência, constam os resultados e as discussões, com a análise dos desenhos produzidos pelas crianças.

METODOLOGIA

A metodologia adotada é de abordagem qualitativa, conforme proposto por Lüdke e André (2012). A pesquisa foi realizada em uma turma de 5º ano de uma escola pública estadual de Belém-PA, composta por 22 crianças, sendo 12 meninas e 10 meninos, com faixa etária entre 10 e 11 anos. A turma possui dois casos de educação inclusiva, o que exigiu adaptações nas atividades para garantir a participação de todos.

A pesquisa foi realizada ao longo de quatro encontros, com duração média de uma hora cada. O primeiro encontro foi dedicado à pré-leitura e à leitura do livro. O segundo e o terceiro encontros foram destinados à produção dos desenhos e à roda de conversa. O quarto encontro foi utilizado para a produção do cartaz sobre a linha do tempo e para o fechamento das atividades.

A coleta de dados se deu por meio da observação participante, do registro em diário de campo e da análise das produções das crianças, tendo por corpus desenhos e títulos. A mediação de leitura, experiência analisada neste trabalho, estruturou-se em pré-leitura com conversas sobre culturas indígenas e estações do ano, leitura mediada com a imersão na narrativa com pausas para diálogo a partir de perguntas formuladas pela

ISSN: 2358-8829

mediadora e pós-leitura, em foram realizadas atividades para a criação de calendários inspirados em saberes indígenas e produção de cartas ao autor.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica articula estudos sobre mediação de leitura, educação antirracista e literatura indígena. Conforme Soares (2023), a mediação de leitura literária é um processo pedagógico intencional que visa formar leitores críticos e autônomos. A autora defende que a escola tem o papel central de "alfaletrar", em que alfabetizar e letrar ocorrem simultaneamente, e a mediação docente é essencial para que crianças do Ensino Fundamental avancem no processo de aprendizagem da leitura e da escrita.

Complementando essa visão, Cosson (2022) propõe o letramento literário como uma prática social que envolve não apenas a leitura, mas também a produção de sentidos e a troca de experiências entre os leitores. Para o autor, a literatura na escola não deve ser tratada como um conteúdo a ser memorizado, mas como uma experiência que dialoga com a vida dos alunos. Nesse sentido, a mediação de leitura se torna um espaço de encontro, no qual professor e crianças constroem juntos significados.

No que se refere à educação antirracista, Gomes (2017) aponta que a escola é um espaço privilegiado, porém muitas vezes conflituoso, onde as diferenças se manifestam. Ignorar essas diferenças é uma forma de reproduzir o racismo. Por isso, a educação antirracista deve ser uma prática pedagógica cotidiana, que atravessa o currículo de forma transversal e se compromete com a construção de uma sociedade mais justa.

Ribeiro (2019) reforça que o combate ao racismo exige ações concretas e cotidianas. No contexto escolar, isso significa repensar práticas, escolher materiais que valorizem a diversidade e promover discussões que desconstruam estereótipos. A literatura indígena e afro-brasileira, nesse sentido, é uma aliada poderosa para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

Nessa perspectiva, Trescastro (2025) afirma que a mediação de leitura literária é uma ferramenta essencial para uma educação antirracista. Ao escolher livros que protagonizam personagens negros e indígenas, e ao mediar a leitura de forma a problematizar estereótipos e promover o respeito, o professor contribui para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. A autora destaca ainda que a mediação não é

ISSN: 2358-8829

neutra, pois ela pode tanto reforçar preconceitos quanto desconstruí-los, dependendo da postura do mediador.

No contexto da literatura indígena, Daniel Munduruku, em "Estações" (2024), apresenta as quatro estações do ano não como meros períodos cronológicos, mas como ciclos de renovação e transformação da natureza. A narrativa poética convida o leitor a observar as mudanças na natureza, nos animais e nas plantas, estabelecendo uma conexão entre o tempo vivido e a terra. As ilustrações de Estêvão Ribeiro complementam o texto, oferecendo uma experiência visual que dialoga com a percepção infantil.

A obra permite múltiplas abordagens em sala de aula, como explorar a concepção de tempo cíclico em contraste com o calendário linear, discutir a relação de respeito e reciprocidade com a natureza, trabalhar a linguagem poética e as metáforas, desenvolver atividades de observação do ambiente local e produzir textos e desenhos inspirados nos ciclos da natureza.

A concepção de tempo, própria da cosmovisão indígena, é um tema central na obra de Munduruku (2024). Enquanto a sociedade ocidental tende a compreender o tempo de forma linear e cronológica, muitas culturas indígenas o percebem como um ciclo que se renova constantemente. O tempo está ligado aos ritmos da natureza, às fases da lua, às cheias dos rios e às épocas de plantio e colheita. Essa perspectiva contrasta com a linearidade do calendário ocidental e convida a uma reflexão sobre outras formas de lidar com o tempo.

A literatura indígena contemporânea apresenta personagens reais, dilemas atuais e riqueza cultural, combatendo ativamente o preconceito e o apagamento histórico. Autores como Munduruku (2015, 2024) escrevem a partir de um lugar de pertencimento e resistência, oferecendo ao leitor não indígena a oportunidade de conhecer outras abordagens epistemológicas.

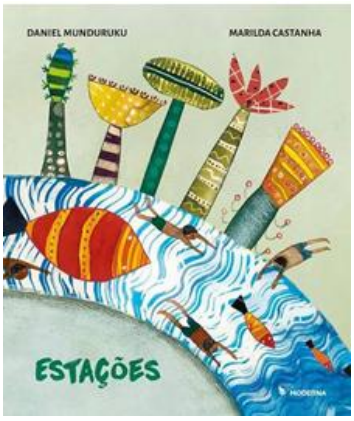
A mediação de leitura, nesse contexto, assume um papel fundamental. O professor mediador atua como articulador cultural que ajuda as crianças a estabelecerem conexões entre o texto e suas vivências. Ao mediar a leitura de uma obra indígena, o professor precisa estar atento às especificidades dessa literatura e evitar reduzi-la a um exotismo ou a uma visão romantizada.

Por fim, é importante destacar que a formação de leitores críticos e autônomos é um dos principais objetivos da educação básica (Soares, 2023). A mediação de leitura literária, quando realizada de forma intencional e comprometida, contribui para que as

crianças desenvolvam não apenas a competência leitora, mas também a empatia, a criatividade e o pensamento crítico. A literatura indígena, nesse sentido, é uma ferramenta para a construção de uma educação mais plural, diversa e democrática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Figura 1 – Capa do livro Estações, de Daniel Munduruku



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

Com o livro Estações, de Daniel Munduruku, a mediação de leitura foi organizada em três etapas: pré-leitura, leitura e pós-leitura. Na pré-leitura, a mediadora apresentou o livro às crianças e explorou os elementos visuais da capa (Figura 1), dialogando sobre o que achavam que o livro contava. As crianças foram estimuladas a compartilhar suas antecipações de leitura e a falar sobre suas vivências e sobre pessoas indígenas que conheciam. A mediadora também perguntou o que é o tempo para as crianças antes da leitura do livro.

Na etapa de leitura, a mediadora realizou a leitura de imagens, mostrando o livro página a página e permitindo que as crianças lessem as ilustrações. Em seguida, fez a leitura em voz alta, com pausas para que as crianças falassem sobre sua compreensão e estabelecessem relações com seus saberes e práticas. Essa etapa foi fundamental para que as crianças se envolvessem com a narrativa e construíssem sentidos coletivamente.

Na pós-leitura, a mediadora retomou a pergunta inicial – "o que é o tempo para vocês?" – e propôs duas atividades: a produção de um desenho com a cena que mais gostaram do livro, com um título, e a produção de um cartaz sobre a linha do tempo, de

acordo com a visão do autor Daniel Munduruku. A análise dos desenhos e dos títulos foi o principal instrumento de coleta de dados para esta pesquisa.

A tabela 1 sintetiza as etapas da mediação de leitura do livro Estações, realizada com as crianças em sala de aula.

Tabela 1- Etapas da mediação de leitura do livro Estações

PRÉ-LEITURA
A mediadora apresentou o livro às crianças e explorou os elementos visuais da capa, dialogando sobre o que acham que o livro conta. Deixou as crianças falarem e compartilharem antecipações de leitura.
Apresentou a biografia e perguntou se conhecem alguém que se parecesse com ele.
As crianças falaram de suas vivências e de pessoas indígenas que conhecem.
A mediadora perguntou o que é o tempo para as crianças antes da leitura do livro.
LEITURA
Foi feita a leitura de imagens: a mediadora mostrou o livro página a página e as crianças leram as ilustrações.
Foi realizada a leitura em voz alta pela mediadora com pausas para as crianças falarem a sua compreensão e estabelecerem relações com seus saberes e práticas.
PÓS-LEITURA
A mediadora perguntou às crianças o que elas mais gostaram do livro e retomou a pergunta inicial: “o que é o tempo para vocês?”
Foi feita a escrita e o desenho da cena que mais gostou, com a escrita do título do desenho.
As crianças realizaram a produção de um cartaz sobre a linha do tempo. Elas foram convidadas a produzirem um cartaz sobre as fases da vida, com o calendário, de acordo com a visão do autor Daniel Munduruku sobre o tempo.

Fonte: Dados da pesquisa (2026).

A maioria dos desenhos apresentou elementos da natureza como árvores, flores, rios, sol e chuva, demonstrando que as crianças compreenderam a relação intrínseca entre o tempo e os ciclos naturais. A Figura 2, com o desenho “A floresta”, produzido pela aluna Potira (nome fictício), ilustra essa percepção. Seu desenho, intitulado "O ciclo da vida e a passagem do tempo" apresenta uma grande árvore com uma criança, um adulto e um idoso caminhando sob ela.

Junto ao desenho, Potira escreveu o enunciado: "GENTE É COMO NATUREZA PASSA". Essa produção destaca uma compreensão da proposta da obra de Munduruku (2024), em que o tempo humano é orgânico e cíclico, assim como o tempo da natureza. Na história, Jaci não representou o relógio, mas as fases da vida, demonstrando que a literatura indígena foi capaz de apresentar uma nova forma de compreender o tempo, conforme defende Gomes (2017), ao tratar da importância de práticas pedagógicas que valorizem a diversidade cultural.

ISSN: 2358-8829

Figura 2 – Desenho "A Floresta", de Potira (5º ano)



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

O aluno Ubiratã (nome fictício) produziu um desenho intitulado "A Árvore da criatividade " (Figura 3), diferente das representações mais realistas da natureza, o desenho intitulado "Árvore da Criatividade" destaca-se pela forte presença de grafismos e padrões geométricos. Ubiratã representou uma árvore cujos galhos e tronco são preenchidos por listras coloridas, corações, estrelas, triângulos e cruzes.

Figura 3 – Desenho "A árvore da criatividade", de Ubiratã (5º ano)



Fonte: Dados da pesquisa (2026).

ISSN: 2358-8829

A produção demonstra que a criança captou não apenas a narrativa textual, mas também a dimensão estética da obra de Daniel Munduruku. As ilustrações do livro Estações, feitas por Marilda Castanha, são marcadas por formas vibrantes e uma arte que dialoga com a cultura visual dos povos originários. Ao criar sua própria "Árvore da criatividade", Ubiratã demonstra o que Cosson (2022) define como letramento literário: a literatura como uma experiência viva que provoca a produção de sentidos e a expressão individual.

Além disso, ao colorir cada galho de uma forma diferente, o aluno parece associar as diferentes cores e padrões às transformações das estações do ano. A árvore deixa de ser apenas um elemento da paisagem e passa a ser um símbolo de diversidade e renovação.

Como aponta Soares (2023), a mediação de leitura intencional e dialógica permite que a criança avance em sua apreciação estética. Ubiratã não desenhou apenas o que viu, mas ressignificou a imagem da árvore a partir de sua própria criatividade, evidenciando o potencial da literatura indígena para estimular a imaginação e o respeito à alteridade (Munduruku, 2015).

De modo geral, os resultados indicaram que as crianças ampliaram seus repertórios sobre os modos de vida indígenas e passaram a perceber o tempo como algo que se repete e se renova na natureza, e não apenas como medida cronológica. A experiência também favoreceu a desconstrução de visões estereotipadas sobre os povos originários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mediação de leitura do livro "Estações", de Daniel Munduruku, cumpriu seu objetivo de valorizar a identidade indígena na educação básica. A análise dos desenhos produzidos pelas crianças revelou que a obra foi capaz de ampliar seus repertórios culturais e ressignificar suas concepções sobre o tempo. Mais do que isso, a experiência demonstrou que a literatura indígena é uma ferramenta para desconstruir estereótipos e promover uma educação antirracista e intercultural.

Ao longo da pesquisa, foi possível observar que as crianças partiram de uma compreensão linear do tempo, associada a relógios e calendários, e, após a leitura

mediada, passaram a expressar uma percepção mais cíclica e integrada à natureza. Os desenhos analisados destacaram essa transformação: árvores, flores, rios, chuvas e ciclos da vida apareceram com frequência, demonstrando que elementos da obra de Munduruku foram percebidos pelas crianças.

A experiência também revelou que a mediação de leitura literária, quando realizada de forma intencional e dialógica, contribui para a formação de leitores críticos e participativos. O professor mediador, nesse processo, atua como um articulador cultural que ajuda as crianças a estabelecerem conexões entre o texto e suas vivências. A escolha de uma obra indígena e a forma como a leitura foi conduzida foram relevantes para que as crianças se sentissem à vontade para compartilhar suas impressões e construir sentidos coletivamente.

Como limitação deste trabalho, destaca-se o curto período de intervenção, que não permitiu um aprofundamento maior nas discussões. Mesmo assim, os resultados obtidos foram significativos. Para trabalhos futuros, sugere-se a continuidade do projeto com outras obras de autores indígenas, a realização de uma exposição dos desenhos produzidos pelas crianças como forma de valorizar suas produções e compartilhar o aprendizado com a comunidade escolar e a ampliação da pesquisa para outras turmas e contextos.

Palavras-chave: Literatura indígena, Mediação de leitura, Noção de tempo, Educação antirracista.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 11.645**, de 10 de março de 2008. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007 2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 08 ago. 2026.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações étnico-raciais**: apostando na formação de professores. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação**: abordagem qualitativa. São Paulo: E.P.U., 2012.

MUNDURUKU, Daniel. **Estações**. São Paulo: Moderna, 2024.

MUNDURUKU, Daniel. A história de uma vez: Um olhar sobre o contador de histórias indígena. In: MEDEIROS, Fabio Nunes Medeiros; MORAES, Rauen Taiza Mara. **Contação de histórias**: tradição, poéticas e interfaces. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SOARES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2023.

TRESCASTRO, Lorena Bischoff. Mediação de leitura literária para uma educação antirracista. **Anais do Congresso Brasileiro de Alfabetização**, São Paulo (SP), Universidade Federal de São Paulo, 2025. Disponível em: https://www.even3.com.br/anais/vii-congresso-brasileiro-alfabetizacao/1134461-mediacao-de-leitura-literaria-para-uma-educacao-antirracista/. Acesso em: 09 abr. 2026.